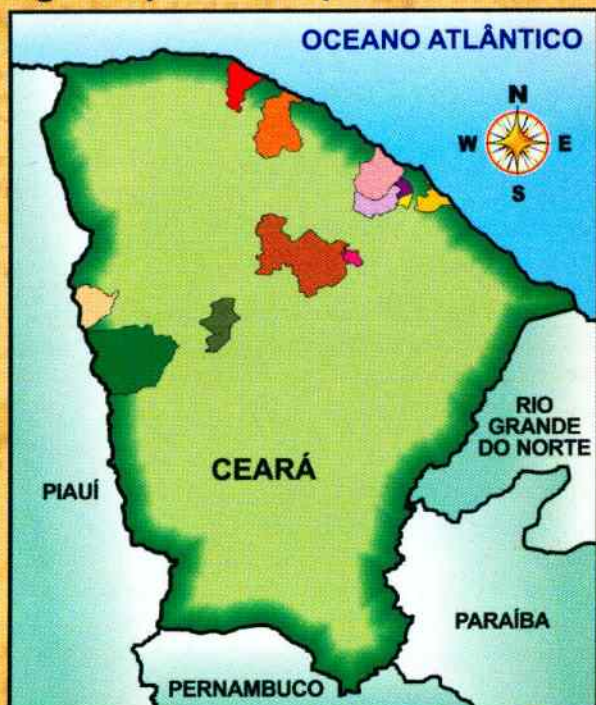


Grupos indígenas por Município

- | | | | |
|--|------------------|--|----------------------|
| | Itarema | | TREMembÉ |
| | Itapipoca | | Potyguara |
| | Caucaia | | Tapeba |
| | Maracanaú | | Pituary |
| | Pacatuba | | Pituary |
| | Aquiraz | | Jenipapo |
| | Canindé | | Kanindé |
| | Aratuba | | Kanindé |
| | Poranga | | Kalabaça |
| | Crateús | | Potyguara |
| | Monsenhor Tabasa | | Potyguara / Tabajara |



Baseado no Atlas Escolar Ceará



Semana dos Povos Indígenas • 2004

Dança das culturas

Os Tremembé Dinamizando sua Cultura com o Torém e a Escola

Amigo e Amiga

Reconstrução de identidade e cultura é o tema desta cartilha. Os Tremembé do Ceará nos ajudarão nessa reflexão. A nossa cartilha é apenas um pequeno recorte do tema. Os Tremembé são muito mais do que podemos retratar. Por isso, para pesquisa e aprofundamento, remetemos ao quadro "para saber mais". Do farto material colocado à disposição – principalmente por Marly Schiavini de Castro, Thomas Kemper e Babi Fonteles, aos quais agradecemos muito – destacamos as muitas falas dos próprios Tremembé. O trabalho redacional procurou conservar a linguagem coloquial regional.

Às professoras e aos professores recomendamos como leitura preparatória o capítulo "para compreender melhor".

Desejamos um proveitoso uso do caderno.

Equipe de Redação

SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2004

Coordenação: Conselho de Missão entre Índios – COMIN.

Informações: Professores/as e Alunos/as Tremembé - Praia, Varjota, Mangue Alto, Tapera, Ação Metodista junto ao Povo Tremembé, Silas Moraes, Solange P. da Silva, João Pacheco de Oliveira, Sylvia Porto Alegre, Gérson A. de Oliveira Jr., Francisco J. Pinheiro, Babi Fonteles.

Elaboração: Marta Nörnberg da Silva, Cláudio Becker, Arteno Spellmeier, Ricardo Fiegenbaum, Edson Ponick, Valdemar Schultz, Hans A. Trein, Edla Brinckmann, Maria Dirlane Witt.

Ilustrações e prog.visual: Ivan Vieira.

Capa: Ivo Sousa.

Fotografias: Thomas Kemper e Babi Fonteles.

Impressão: Con-Texto Gráfica e Editora.

Realização: COMIN em parceria com Departamento de Catequese e Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Apoio Financeiro: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB) e Confirmandos da Igreja da Élbria do Norte.

Tiragem: 30 mil exemplares.

Sumário

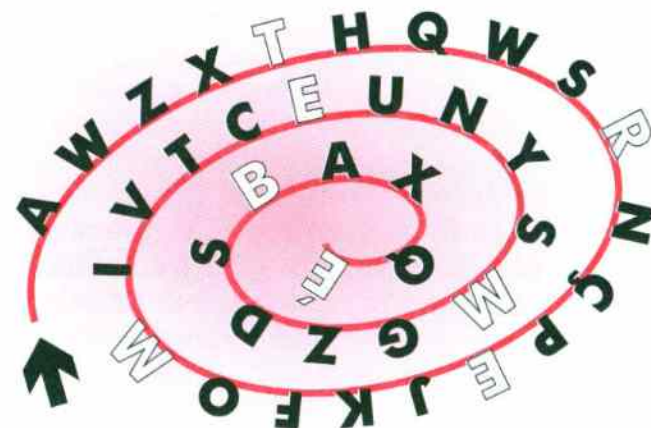
Apresentação.....	2	Preservação da natureza.....	12
Sempre presentes.....	3	Cultura Indígena.....	13
Riquezas do povo Tremembé.....	4	Os Tremembé na dança das culturas....	14
Uma história de resistência.....	5	E nós nessa dança.....	17
A família Tremembé.....	7	Mocororó.....	18
A festa da vida.....	9	Para compreender melhor.....	19
A escola Tremembé.....	10	"Para saber mais".....	23

Sempre presentes

Até há pouco tempo, dizia-se que não existiam mais índios no estado do Ceará. Na realidade, os índios sempre estiveram lá, mas não eram reconhecidos como tais.

Os colonizadores acharam que poderiam fazer as populações indígenas desaparecerem, proibindo o uso de sua língua e negando o direito sobre as suas terras. Assim, por muito tempo, muitos povos tiveram que esconder sua identidade indígena para poder conviver com a sociedade invasora. Essa situação somente começou a mudar recentemente, quando alguns povos indígenas procuraram o governo para exigir a posse de suas terras.

Para formar a palavra que completa as frases abaixo, siga a linha pintando as letras em branco.



Um dos povos indígenas do Ceará que lutou pelo seu reconhecimento foi o povo _____.

Os _____ vivem atualmente no litoral noroeste do Ceará, no município de Itarema, a 210 quilômetros de Fortaleza. Suas comunidades estão distribuídas em três regiões do município: Praia de Almofala, Região da Mata e Córrego João Pereira.

Resposta: Tremembé

Riquezas do povo Tremembé

Dos 12.701 índios, distribuídos em 2.504 famílias, vivendo em 59 comunidades no Ceará, 3.500 são do povo Tremembé (Censo FUNAI 2002). Os Tremembé estão organizados em comunidades. Francisca Vera Jacinto, liderança Tremembé, fala da forma como seu povo gosta de viver:

A comunidade é muito importante para nós porque todos se juntam para conversar, planejar e debater os problemas que têm na comunidade. Ou quando vão fazer qualquer coisa todos se juntam para fazer as coisas.

– Que palavras encontramos na palavra **COMUNIDADE**?

Use duas dessas palavras para escrever uma frase sobre a sua comunidade.

Pouco se sabe a respeito da língua dos Tremembé. Através das suas canções e das suas danças, encontramos palavras que nos dão a noção de como essa língua é bela.

Nem sempre os Tremembé foram reconhecidos como índios. Apesar de parte de suas terras estarem demarcadas, 70% ainda é dominada por invasores, e os Tremembé continuam sendo chamados de “caboclos”. Essa é uma das formas de desprezo e de violência que os povos indígenas sofrem.

Após anos de colonização, o povo Tremembé ganhou muitas feições diferentes. Também assumiu costumes e crenças de outros povos, renovando sua cultura. Por muito tempo, os Tremembé se disfarçaram, deixando os brancos pensar que não eram mais índios. Hoje, porém, eles levantam sua voz e, unidos, lutam pelos direitos garantidos por lei.



Thomas Kemper

Uma história de resistência

Antes da chegada dos colonizadores, os Tremembé ocupavam todo o litoral, desde o Rio Grande do Norte até o Maranhão. Há, pelo menos, 11 mil anos, diferentes povos viviam nessas terras, seguindo seus costumes e tradições.

Em 1500, quando os europeus chegaram ao Brasil, havia 22 povos diferentes no Ceará. Primeiro, vieram os portugueses, depois os holandeses. Muitos índios foram obrigados a viver em aldeamentos organizados pelos padres jesuítas. Outros passaram a viver na região da mata, para preservar a sua liberdade. Nos aldeamentos e na mata, conviveram com outros povos indígenas, com quem aprenderam outros costumes que não eram originalmente de seu povo.

A partir de 1679, os conflitos aumentaram, pois a coroa portuguesa doou lotes de terra (sesmarias) a brancos que quisessem disputá-los com os índios. Essa ação provocou uma guerra que durou mais de 50 anos. Os índios queriam garantir os seus territórios, e os colonizadores queriam as terras para criar gado.

Em torno de 1750, os índios foram obrigados a se misturar com brancos e negros e foram proibidos de falar suas línguas. Também tiveram suas terras incorporadas aos bens públicos pela lei. Em 1863, o Governo Provincial tentou extinguir os índios por decreto.

Os Tremembé reagiram, protestando com uma carta ao Imperador e registrando suas terras no cartório de Acaraú.



Thomas Kemper



Um fenômeno natural marcou a história dos Tremembé. Em 1897, as dunas cobriram o povoado de Almofala. A igreja ficou completamente coberta. Com o desaparecimento do povoado, algumas famílias foram morar na região da Lagoa Seca.

Nas noites de lua cheia, as rodas de Torém aconteciam sobre a Igreja soterrada, e a festa durava a noite inteira, enquanto a areia era retirada em cabaças. Em 1941, outras correntes de vento removeram as dunas, e a igreja e algumas casas reapareceram. O povoado passou a ser ocupado novamente. Porém, algumas pessoas de fora se aposaram das terras, argumentando que não existiam mais índios em Almofala.

A situação dos Tremembé começou a mudar a partir dos anos 60, quando iniciou-se um movimento para reconquistar o direito sobre suas antigas terras. Nesse movimento de reunificação, a dança do Torém foi fundamental para os Tremembé. No início dos anos 70, eles integraram o Movimento Indígena com outros povos indígenas do Brasil. A partir dos anos 80, iniciou-se um debate sobre o "ressurgimento" dos povos indígenas do Ceará. Motivados pela Constituição Federal de 1988, sentiram-se fortalecidos para reafirmar publicamente sua identidade como povo indígena. A área do Córrego João Pereira já foi demarcada. O processo de demarcação da outra área, onde está a Praia de Almofala e a região da mata, aguarda decisão do Supremo Tribunal de Justiça, em Brasília. Enquanto aguardam a decisão final, os Tremembé resistem, afirmando a sua existência e reconstruindo a sua identidade como povo indígena.

Encontre a palavra TORÉM cinco vezes na mesma sequência do quadro ao lado.

A	G	O	R	J	M					
T	H	T	V	É	P					
N	O	R	S	L	T	M	O	É	R	F
É	T	F	B	Q	O	R	F	M	C	B
O	R	O	M	É	T	G	É	V	A	T
T	M	É	S	L	H	U	R	É	M	D
N	O	R	É	A	F	T	O	S	T	A
R	T	É	T	F	M	O	A	R	É	M
M	O	R	F	M	A	É	T	N	T	É
V	T	S	É	R	O	M	O	R	F	M
T	A	É	F	M	T	R	T	G	É	O

O	R	M
T	É	

A família Tremembé

Uma das maneiras do povo Tremembé manter e recuperar suas tradições é viver em família e seguir celebrando a vida com sua principal dança.

As famílias do povo Tremembé formam-se, normalmente, pelo casamento entre primos(as), tios e sobrinhas, e também há casamentos com pessoas não-indígenas.

Pais e filhos, adultos e crianças participam juntos das diferentes atividades do grupo. Zequinha, agente de saúde Tremembé, escreve sobre a importância dessa convivência em família:

Aqui na nossa comunidade, quando a pessoa leva uma criança para um roçado ou para uma casa de farinha, significa que o pai está dando uma aula para seu filho, porque está ensinando para a vida. Uma criança precisa aprender as coisas de sobreviver ainda

quando é pequena. Ela não pode aprender depois de grande. Ela precisa ajudar o pai porque, se ela for trabalhar só depois de grande, de repente o pai falta e ela não sabe quem vai ensinar a ela sobre viver... Por isso, eu acho que levar a criança para qualquer trabalho é uma aprendizagem.



Os Tremembé estão organizados em torno de 330 grupos familiares. Eles são muito unidos e comparam a família com uma árvore:

**Meu bisavô é raiz
Meu avô já é o pau
Meu pai por ser os brolhos
Eu por ser seu filho sou galhos**

**Meu filhinho é semente
Que nasceu nesse broquel*
Nós todos somos índios
Como existe Deus no céu.....**

(D. Nenê Marciano estudante Tremembé, de 63 anos)

* broquel significa: Lugar seguro, lugar de aconchego.



Desenho de Luziane - 4ª série

Preencha os quadrados e descubra a palavra-chave.

Resposta: Família

A festa da vida

A árvore está presente no mais importante rito dos Tremembé: a dança do Torém. Essa dança envolve toda a tribo indígena e é, na verdade, uma grande festa que faz parte da tradição e da história dos Tremembé.

Três professoras Tremembé descrevem assim o Torém:

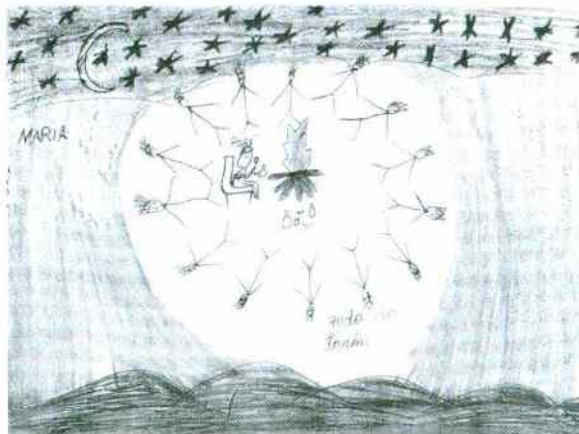
Os nossos antepassados costumavam dançar debaixo de uma árvore que eles chamavam de Torém, e por esse motivo começaram a chamar a dança de Torém.

O Torém é um ritual sagrado para os Tremembé, e é de muita importância, pois é um símbolo que nós valorizamos muito, porque é raiz da nossa história e identificação em outros lugares. (Rita, Jacinta, Conceição)



Faz parte do ritual da dança, uma bebida especial chamada mocoiororó. Maria Afonso Rodrigues descreve a bebida típica do Torém da seguinte forma:

O mocoiororó é um vinho de caju. O mocoiororó se faz assim: espreme o caju, tira o vinho e cõa e bota nos litros ou numa cabaça para se beber.



O mocoiororó com três dias já é bebida, porque ele é alcoólico, mas serve também de vitamina. A gente pega um pouco de açúcar, bota dentro dele e bebe. Toda a família participa da dança do Torém. Adultos e crianças celebram esse momento com muita alegria.

A escola Tremembé

Uma das conquistas bonitas da união do povo Tremembé é a escola diferenciada. Ela é chamada assim porque, além de aprenderem e compartilharem os conteúdos de qualquer escola, os alunos e as alunas estudam a história e a cultura do seu povo e aprendem sobre o valor da família e da comunidade.

Os professores e as professoras são pessoas da própria comunidade, conhecedores e conhecedoras da realidade e das necessidades dos Tremembé. Veja, nos depoimentos abaixo, algumas vitórias alcançadas pela comunidade indígena.

A ESCOLA QUE TEMOS

A nossa escola está ligada à luta pela nossa terra. **As** decisões sobre a escola são tomadas por toda a comunidade. **Na** escola não há punição, há diálogo. **Temos** uma escola com o nosso próprio calendário, respeitando o nosso período de trabalho coletivo: pesca e agricultura. **Tudo** o que nós trabalhamos na escola envolve o nosso dia-a-dia, reforça e desenvolve a nossa cultura.

*Minha escola
Tem muita aprendizagem
Eu vou para a escola
Para fazer amizade.*

**Lucirene, Genice e
Zé Alcir – Estu-
dantes da escola
Tremembé**

*(...) Para falar a verdade
Tenho um pouco de razão
Na nossa escola indígena
Aprendemos a tradição
Todos juntos estudando
Com muita educação.*

E as estudantes Verinha, Rita e Alexandrina complementam, escrevendo:

*(...) Com a professora Graça
To me saindo muito bem
Continue sempre assim
Vai ficar de parabéns.*


















Thomas Kemper

A escola diferenciada é o resultado do trabalho coletivo do povo Tremembé. Porém, o trabalho não pára por aí. A comunidade continua sonhando e se engajando na construção de uma escola melhor e mais próxima das necessidades do seu povo.

Para descobrir a escola sonhada pelos Tremembé, resolva as palavras enigmáticas nas frases abaixo.

A ESCOLA QUE QUEREMOS

- Uma escola onde o professor entenda a importância do  - MATE +  - GUA +  - ALA = **T O R É M**
- Que tenha  - CO +  - OURA indígenas.
- Que estude os  - LÓGIO +  - INGA +  - FÁ + S naturais para que se possa aproveitá-los melhor.
- Com cara de **ÍN** +  - REMÉ
- Que seja mais  - CA +  - BO +  - SI + ZA +  - DO.
- Uma escola que fortaleça a importância da  - LHA + R +  - TO para os Tremembé.

Agora que você descobriu as palavras enigmáticas, procure-as no caça-palavras.



Preservação da natureza

Sabemos que índios tomam banho de rio e de cachoeira. Mas há também povos indígenas vivendo no litoral brasileiro, à beira-mar. É o caso do povo Tremembé. O povo Tremembé vivia em liberdade entre a praia e a mata. Nos períodos em que havia peixes, eles viviam da pesca à beira do mar. Quando os peixes diminuía, eles entravam na mata e colhiam frutas. Viveram assim durante milhares de anos.

Com a chegada das pessoas não indígenas, a vida dos Tremembé mudou muito. Hoje, eles estão reafirmando sua história e sua tradição, continuam vivendo entre a mata e a praia e reclamam da destruição da natureza e da demora da justiça brasileira. Observe o que diz o Tremembé Raimundo Grande:

Aqui não tinha cercado, era tudo no aberto. Era só caminho e lagoas. Caminho que todo o povo andava e gente vinha lá de Almofala livremente. Era uma maravilha! Daqui da praia até a entrada de Almofala, tinha umas quatro moitinhas de manguê de botão e duas casinhas. A nossa área era muito linda, tinha uma paisagem maravilhosa, dunas belíssimas. Nós vivíamos muito bem, a gente não tinha ambição por nada, vivia tudo como Deus fez.



A poesia a seguir fala do respeito que o povo Tremembé tem pela vida. Transforme-a em jogral, para apresentar aos colegas. Divida as falas pela numeração. T significa todos.

Formas de vida

(1 e 3) Todos os animais têm
(2 e 6) formas de vida diferentes,
(4 e 5) vivendo cada etapa,
(7) igual à vida da gente.

(6) Guaxinim, bicho peludo,
(2) Vive da fauna marinha
(4) Se alimenta de socó
(1) Mas também come galinha
(5) E tem como tira gosto
(3) Siri e Maria-Farinha

(1, 3, 5) A lagosta é decápode
(2 e 4) crustáceo do alto mar
(1 e 5) põe duzentos mil ovos em média
(3 e 6) só dez mil conseguem escapar.
(7) Devido à depredação
(2, 4, 6) não consegue prosperar.

(1 a 4) O manguê é muito importante
(6) não podemos desprezar.
(5) Nele existe a vida
(7) para todos nós zelar,
(1) não colocando em risco
(2 a 6) os animais que habitam lá.

Professores: Ana Cristina, Manoel Xavier, Evandro, Aurineide e Ana Lúcia

Cultura Indígena

RESPOSTA RÁPIDO



Quem conserva melhor a natureza?



índio



não-índio

Você concorda com a expressão "O índio é preguiçoso?"



sim



não



Cada povo deve ter espaço para viver as particularidades da sua cultura?

sim



não



Você refletiu sobre o assunto?!
A propósito, onde a cultura indígena se encontra com a sua cultura?
Mas o que é cultura mesmo?
Que tal uma olhadinha nos significados da palavra cultura?

Cultura é o conjunto de elementos com que um determinado grupo ou povo organiza a sua vida.

Cultura também é conhecimento. Teste o seu.

Faça uma lista de nomes indígenas em sua região: rios e riachos, morros e serras, grutas, vilas e cidades, comidas típicas, frutas e raízes, animais, danças, pinturas, artesanato, música. E mais:

Você sabe de que língua indígena provêm esses nomes?

Os Tremembé na dança das culturas

Imagine outras pessoas definindo quem você é sem lhe perguntar. Imagine que essas pessoas têm bem outras idéias sobre o mundo e sua gente. Elas falam outra língua, têm outros costumes, valores e religião. Imagine ainda que essas pessoas pensam ser mais que você e ter mais direitos que você.

Com esta mesma idéia, a cultura colonizadora menosprezou a cultura indígena no Brasil. Foi isso que os Tremembé vivenciaram quando o colonizador português tomou a sua terra.

Os Tremembé camuflaram-se como "caboclos", durante mais de 100 anos, para terem espaço na sociedade não indígena. Assim, puderam preservar parte da identidade étnica e cultural de seu povo.

Observe, agora, onde é que você se enquadra com suas respostas às perguntas "Responda rápido".

Uma pesquisa encomendada pelo Instituto Socioambiental ao Ibope revelou que:



Você sabia que... antes da Constituição de 1988, eram não-índios que decidiam quem era e quem não era índio?

No processo de colonização, os índios foram aos poucos expulsos de suas terras pelos não indígenas que queriam criar gado. Uma estratégia foi usar os conflitos entre os nativos para colocar uns contra os outros e enfraquecer a resistência indígena. Também os aldeamentos, organizados por missionários da Igreja, foram instrumentos de dominação sobre os indígenas. Os Tremembé do aldeamento foram forçados a abandonar a própria língua.

Em 1696, o capelão do exército paulista, padre João Leite de Aguiar, escreve ao Rei de Portugal, dizendo que os indígenas aldeados pelos missionários apresentavam menos resistência, o que facilitaria o combate aos índios do Rio Grande do Norte e Ceará, entre eles os Tremembé.

Conforme Francisco José Pinheiro, em 1757, a classe luso-brasileira pretendia integrar os indígenas à sociedade circundante, para com isso fazer de-

saparecer a comunidade indígena.

O Rei de Portugal, em 1708, em carta ao Governador Geral do Brasil, ordena que todos os indígenas que resistissem fossem mortos, e os que se entregassem fossem escravizados e vendidos em praça pública. Parte da renda era revertida aos cabos, oficiais e soldados para que se empenhassem no processo de extermínio e/ou captura.



"(...) *Eu El Rei vos envio muito saudar. (...) Fui servido resolver que se faça guerra geral a todas as nações de índios (...).*"

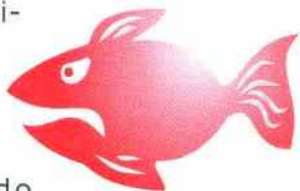
Negar a existência também é uma forma de extermínio.



Em 1985, começou o reconhecimento jurídico pelo Estado Brasileiro das terras pertencentes aos grupos indígenas do Ceará. Num curto espaço de tempo, passaram de desconhecidos/extintos para uma população de, aproximadamente, 12 mil índios. Desde que o império os deu por extintos até o seu ressurgimento, passaram-se mais de 100 anos. Atualmente, a conquista de direito à terra está reforçando a reconstrução de sua cultura.

Características são a ocupação coletiva da terra, a localização das roças, a utilização dos recursos naturais, os mutirões de ajuda mútua e as diversas atividades em que a família aparece como unidade de produção e consumo. Muitas festas seguem o calendário das colheitas. Os remédios feitos de plantas da região são potenciados com práticas rituais. Histórias e estórias estão repletas de seres que habitam matas e lagos. A terra representa um elo de ligação com os antepassados e determina a ocupação espacial, seus limites e marcos físicos e sua variação no tempo.

É no plano da auto-estima que está a razão fundamental das mudanças ocorridas nos Tremembé. Os acontecimentos dos quais participam têm obrigado os Tremembé a efetuar novas formulações do mundo e de si mesmos. Quando buscam seus direitos, também provocam a reflexão sobre quem são e sobre o lugar que desejam ocupar no Ceará. Suas ações mostram a abertura de novas perspectivas na consciência étnica, nem sempre fáceis de acompanhar e perceber.



E nós nessa dança

Vamos voltar à nossa conversa sobre cultura. Podemos falar de uma cultura jovem como falamos de cultura indígena? Os jovens vestem-se de modo diferente, gostam de outros tipos de música, falam gírias, têm códigos próprios de grupo. Nas cidades, a internet e o telefone celular modificaram substancialmente a sua forma de viver. Nem por isso, deixam de ser jovens ou estão se distanciando de sua cultura original. A cultura é que vai se transformando. Por isso, também os índios não deixam de ser índios quando transformam a sua cultura original, pois isso é inerente a todas as culturas: elas sempre estão em processo de transformação.



Tribo?!

Tribo – nas sociedades ditas primitivas, grupo social que ocupa um mesmo território e se avoca origem comum; compõe-se de unidades autônomas menores, fundadas sobre o parentesco, e organiza-se em torno de uma autoridade política; etnia ... Grupo de pessoas com ocupações ou interesses comuns ou ligadas por laços de amizade (a tribo de surfistas ou a tribo urbana) – Houaiss, 2001.

Hoje, fala-se até em tribos juvenis, tal é o grau de identificação entre membros de um mesmo grupo e de diferenciação deste grupo em relação a outros.

Quais são os elementos de identificação do seu grupo?

Faça uma lista do que identifica você e seu grupo e o que diferencia você e seu grupo de outros jovens.



Mocororó

É a bebida sagrada dos Tremembé, que traz forças para dançar o Torém. Revigora o ânimo e a disposição para o "ser Tremembé". Conforme o Pajé Luiz Caboclo, pega-se os cajus (caju azedo, o doce não serve), espreme-se com as mãos todo o caldo numa vasilha. Após, penteira-se o caldo para deixá-lo sem nenhum resíduo. Depois de coado, coloca-se numa garrafa e tampa-se bem. Poderá ser consumido depois de alguns dias de descanso.

O mocororó é bebida fermentada e, por isso, alcoólica.

Na safra do caju, que na região é nativo, faz-se mocororó em todas as casas. Ele é servido às visitas como gesto de boas vindas. É servido também nas rodas do Torém, que duram enquanto houver mocororó para se beber. Dele, todos bebem.

Jogo dos 7 erros - Dança do Torém



Thomas Kemper

Para compreender melhor

O número de pessoas que se identificam como indígenas no Brasil aumentou nos últimos anos. Também a taxa de natalidade entre os índios é maior. O primeiro estado em população indígena é o Amazonas, com 119 mil; o segundo é São Paulo, com 62 mil índios, dos quais 3 mil vivem em aldeias.

A Constituição do Brasil, de 1988, diz que a palavra decisiva sobre ser índio ou não é dada pelos próprios índios. Mais da metade dos índios brasileiros vive nas periferias urbanas. Por longo tempo, habituaram-se a ser vistos como mestiços, caboclos ou mamelucos. Atualmente, reconstróem a sua identidade, estimulados por conquistas recentes, como uma legislação mais favorável e a demarcação das terras.



Thomas Kemper



Muitos indígenas passaram a se tornar visíveis novamente.

Desde a Constituição de 1988, os índios também não são mais considerados menores de

idade. Antes, a FUNAI assumia a tutela sobre eles. Agora, os índios são considerados brasileiros com direitos e deveres iguais a qualquer pessoa, podendo, por exemplo, administrar seus bens, votar e ser votados.

Com essa mudança, os povos indígenas começam a interagir com a sociedade não-índia, trocando conhecimento, filosofia de vida, lide com a natureza, religião, usos e costumes, festas, formas de enxergar o mundo e as pessoas. Essa interação, antes gerenciada pela FUNAI, agora é direta.

Precisamos acordar para a diferença cultural dos povos indígenas, superar a discriminação e o preconceito e desenvolver a sensibilidade para perceber a contribuição que os povos indígenas podem dar.



A Constituição promove a interação cultural entre índios e não-índios.



Imagine-se como os índios se sentem ao dizermos quem é ou não é índio. Será que alguém deixa de ser índio, porque fala português, faz contas, conhece seus direitos e usa celular?

Suyane Moreira, de 19 anos é uma das top models mais requisitadas da atualidade. Vive nas passarelas de Milão, Tóquio e Nova York. Aos 14 anos, aprendeu a comer com talheres; aos 16, a se equilibrar sobre saltos; aos 17, viajou, pela primeira vez, de avião. Ela é de origem cariri. A tribo não vive mais em aldeia, mas remanescentes dela se espalham por cidades do sertão cearense. Na sua opinião, Suyane é ou não é indígena?

Somos brasileiros, mas absorvemos bens culturais distintos; isso se manifesta na comida, na organização da vida, nos costumes, nas festas. Essa diversidade é uma riqueza!



Thomas Kemper

Culturas estão em constante transformação.

O confronto entre europeus colonizadores e povos indígenas mexeu fundo nas respectivas culturas. Os povos indígenas do nordeste brasileiro são os que, por mais tempo, sentiram esse confronto. Frente ao rolo compressor europeu, os povos indígenas fizeram concessões, assumindo traços culturais dos não-índios e conservando traços culturais próprios, bem presentes nas festas. O conteúdo religioso dessas festas, muitas vezes, passa despercebido, pois nelas só enxergamos folclore exótico.

A imagem que temos dos índios foi construída em nós. Aprendemos que os índios vivem no mato, em ocas, são caçadores e coletores de frutas e raízes, praticam pouca agricultura, desenvolvem pouca tecnologia, não têm escrita. Também ouvimos que índios são sujos, maltrapilhos, não trabalham, bebem cachaça.

As culturas indígenas têm diferenças profundas entre si e em relação à nossa cultura. Não podemos julgar os direitos e deveres indígenas com os critérios de nossa cultura.



Pré-conceito é formar opinião sem conhecer. Ele acaba quando conhecemos bem.

Pergunta-se: *Por que índios precisam tanta terra, se não produzem?*

Os índios produzem sim, para viver, não para acumular; aí está uma diferença fundamental. Além disso, se preocupam em não esgotar os solos.

A terra das reservas indígenas pertence à União, e ela não pode ser vendida, nem tirada dos índios. A terra é destinada ao uso de um coletivo e não aos índios individualmente. Dividir o número de hectares de uma reserva indígena pelo número de índios que nela vivem é como querer usar os ouvidos para distinguir cores.

A recuperação de terras indígenas, hoje, é dolorosa porque:

1. Os índios não receberão de volta toda a terra necessária para o seu desenvolvimento;

2. A terra está ocupada por agricultores/as. Estes/as construíram a sua vida nessa terra por várias gerações. Desenvolveram afeição ao seu pedaço de chão.

Agricultores/as têm de sair, pois o direito indígena é originário, vem antes dos outros direitos. Cabe garantir que o direito indígena à terra e o direito à indenização ou reassentamento dos/as agricultores/as sejam garantidos. Para isso, é necessário tanto a ação do governo, como também a nossa ajuda, evitando o preconceito e a discriminação e ajudando a criar um clima de justiça que promova a paz.

Respeitar o direito originário dos povos indígenas é o mínimo que podemos fazer.



“... para saber mais...”

Pesquisa na internet

Conselho de Missão entre Índios disponibiliza o material de pesquisa deste caderno: fotos, textos para a sala de aula. www.comin.org.org

Instituto Socioambiental disponibiliza informações atualizadas sobre quase todos os povos indígenas do Brasil. www.socioambiental.org

Conselho Indigenista Missionário disponibiliza informações atualizadas e posicionamentos frente à política indigenista do governo. www.cimi.org.br

Universidade Federal da Bahia disponibiliza informações sobre povos indígenas do nordeste. www.ufba.br

Pesquisando na web “Índigenas Tremembé” há pelo menos 450 referências ao povo Tremembé.

Ação Metodista junto ao Povo Tremembé:
marlyscastro@yahoo.com.br

Babi Fonteles: fonteles@ufc.br

Associação Missão Tremembé:
rua José Cândido, 53 – Fortaleza,
Ceará - 60325-490. Tel.: (85) 283 1975.

Vídeos (confira nas locadoras)

Brincando nos Campos do Senhor, de Hector Babenco, EUA, 1991, 187 min. – Condor Vídeo

A Missão, de Roland Joffé – ING, 1986, 121 min – Distr. Flashstar.

Dança com Lobos, de Kevin Kostner – EUA, 1990, 128 min. – Abril Vídeo/Hollywood.

Torém, produzido por Nosso Chão Vídeo e Toa (Canal Imaginário, IBASE, fone: (21) 266.4451), 23 min. Disponível para empréstimo no COMIN.

Livros

Esta terra tinha dono – B. Prezia e E. Hoornaert – CEHILA POPULAR – CIMI – FTD – S.Paulo/SP, 3ª ed., 1992.

A temática indígena na escola – Novos Subsídios para professores de 1ª e 2ª Graus – A. Lopes da Silva e Luís D.B. Grupioni – MEC, MARI e UNESCO, Brasília/DF, 1995.

A Terra dos Mil Povos – História Indígena do Brasil contada por um índio Jecupé, Kaká Werá – Fund. Petrópolis, S.Paulo/SP, 1998.

Papel da Religião no Sistema Social dos Povos Indígenas – Eduardo V. de Castro, GTME, Cuiabá/MT, 1999.



COMIN: Conselho de Missão entre Índios, Caixa Postal 14 - CEP 93001-970 São Leopoldo/RS - Tel: (51) 590 1440 - e-mail: comin@est.com.br - www.comin.org.org
Departamento de Catequese: Caixa Postal 14 - CEP 93001-970 São Leopoldo/RS
Tel: (51) 592 4491 - e-mail: depcat@uol.com.br
Departamento Nacional p/ Assuntos da Juventude: Caixa Postal 191 - CEP 93001-970 São Leopoldo/RS - Tel: (51) 591 4295 - e-mail: dnaj@uol.com.br - www.juventude.ieclb.org.br